

Kaito

reze por uma boa morte

Bruno Crispim

Tokyo / São Paulo / Seoul

KAITO

REZE POR UMA BOA MORTE



BRUNO CRISPIM

1ª EDIÇÃO

Bruno Crispim

Copyright© Bruno Crispim, 2021

Crispim, Bruno

Kaito: reze por uma boa morte

1ª Edição

Revisão de Texto | Maria Luiza Vanz

Capa | Rafael Crispim e Fael Barros

Bruno Crispim – São Paulo: 2021

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema, sem permissão expressa do autor.

Aviso

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema seja ele eletrônico ou impresso, sem permissão expressa do autor.

Apesar de todas as formas de verificação feitas para checar as informações contidas neste e-book, não é de responsabilidade do autor quaisquer erros, omissões ou interpretações contrárias aos temas aqui contidos.

Esta obra é exclusivamente para entretenimento e não deve ser tomada como instrução ou comando. O leitor é responsável por suas próprias e exclusivas ações e compreensões.

O autor não assume quaisquer responsabilidades sobre quaisquer ações resultantes da leitura deste material.

Quaisquer menções a indivíduos ou marcas são meramente ilustrativas.

à deusa Diana

sua vinda nos traz aventuras incríveis

não vejo a hora de você andar por esse mundo

todo ele é seu

Sumário

000	minha pequena assassina recorrente	9
001	nove meses antes da sétima morte	14
002	onhecendo o presídio da vovó	20

minha pequena assassina recorrente

Você está vendo aquele garoto muito bem apessoado no meio da rua, rastejando no asfalto? Aquele ali, todo ensanguentado, com a sua camiseta da sorte que já não é mais verde. Metade da orelha esquerda faltando. A perna direita virada no ângulo errado. Ambos os tênis omissos. Um caminho de sangue o seguindo. Aquele ali, implorando pela ajuda da avó, ou da prima ou de qualquer um, por entre os dentes travados de desespero. Está vendo ele?

Pois é, esse aí sou eu, Kaito Mupara Yukimura. Ou só Kaito.

Essa é a antiga e menosprezada versão de mim mesmo. Não em um dos meus melhores dias, é verdade. Mas, definitivamente, não no meu pior.

Eu sei. Me vendo agora, tantos anos depois do apocalipse, você não imaginaria que eu comecei de baixo. Pelo contrário. Você diria que eu sou o filho de alguém importante, nascido com o famigerado talento. Olhos estreitos e vigilantes de um grande samurai. Corpo robusto e valente de um herói Zulu. Um guerreiro nato.

De forma alguma. Não tive berço de ouro. Eu comecei do mesmo buraco que você. Na lama e na loucura, como qualquer *azul*. Zero privilégios. Sem qualquer poder ou habilidade além da nossa maldita imortalidade.

A jornada não foi fácil. Morri pela primeira vez ainda uma criança inocente de vinte anos. Eu precisei de muito empenho, de muita garra, de muito heroísmo para conseguir me destacar neste mundo infestado de gente. E precisei de muita sagacidade também. *Aprenda rápido. Se possível, com o erro dos outros* – é o que eu sempre digo. Tudo bem, eu nunca digo isso. Mas continua sendo verdade.

Mas não coloquemos a carroça na frente dos bois.

Olhe bem para esse pobre eu franzino. Ainda sem saber lidar com as minhas mortes. Depois do fim do mundo, morrer é algo corriqueiro. Revivemos sete horas depois. Prontos para sermos assassinados outra vez. E essa aí será a minha sétima. É uma morte importante. Separa as crianças dos monstros.

Presta atenção. Olha bem para ele. Para mim.

Agora!

O exato momento em que ele molha as bermudas. Uma bexiga de respeito, diriam. Mesmo nessa confusão de sangue e de sujeira, é inegável para qualquer um o que acabou de acontecer.

É trágico. A pouca dignidade que eu guardava com ternura se esvaiu. Mas é um pouco engraçado também. Não? Eu acho. Com o passar dos anos, vai ficando melhor. Eu te garanto.

— Droga, Sayuri, me mata logo! — Eu grito.

Sayuri é aquela garotinha de seis anos de idade que vem devagar, tomando o seu tempo, sorrindo ao pular em um jogo de amarelinha imaginado. Em um primeiro momento, você poderia acreditar que essas duas pessoas não fazem parte do mesmo espetáculo. Que ela não é o monstro mais sanguinário que eu conheço. Que não é um algoz obcecado por mim.

Abra o olho, criatura. Repare a faca na mão da menina. Olhe para o sangue pingando da lâmina – o meu sangue! Para a sua pele levemente azulada. E, faça-me o favor, atente para o chiclete que ela prende entre os dentes e estica com a mão.

Então, não é um chiclete. É a minha orelha esquerda.

Bom, eu sei que você não tem informação decente por aqui. Você nasceu há pouco tempo, bem depois da *Catástrofe*. E viveu sempre dentro dessa reserva, conhecendo pouquíssimos *azuis* na vida. Exatamente por isso você deveria prestar mais atenção no que eu estou te mostrando. Pode ser a diferença entre a vida e uma morte bem lenta e excruciante. Fora que é uma história incrível! Você vai adorar, eu te prometo.

Bem, a pele azul já deveria deixar claro que ela não é mais humana. Com os pequenos chifres nascendo em sua testa e a cauda preta furando seu uniforme escolar, não há dúvida: ela é uma *azul*.

Observe a mão de Sayuri com mais cuidado. Ela não está segurando uma faca. Essa lâmina é uma das suas garras.

O corpo dela, como o de todo azul, vai mudando, evoluindo. A pele e os ossos endurecem. Um chifre aparece. Ou um espinho. Ou um ferrão. Ou uma glândula que produz veneno letal. Se você tiver muita sorte, pode ganhar um par de asas. Vai por mim, agora que os elevadores não funcionam, voar faz toda a diferença.

A gente vai se adaptando ao ofício a cada vez que tira a vida de alguém. Aliás, o termo politicamente correto é *coleccionar almas*. Para amenizar um pouco toda essa carga negativa que o assassinato recorrente traz.

Nessa época, a bandidinha já tinha quase mil almas de força. Não é de se espantar que ela tivesse garras tão grandes. Mas, depois eu explico melhor a mutação constante dos azuis e essa coisa de coleção de almas. Vamos voltar para o mais importante, para a minha história.

Apesar de a minha autoestima estar negativa, eu não estava morto ainda. Quem sabe se eu chamasse a atenção dela para outra vítima, alguém com mais almas, eu não conseguiria fugir enquanto o pobre coitado fosse devorado no meu lugar.

Eu acelero o meu rastejo para uma loja onde, eu sabia, um casal de vivos velhinhos se escondia. Acredite em mim, não existe um único azul neste mundo que ignore a deliciosa carne viva temperada pelo tempo. Menos eu, obviamente.

Eles eram amigos da minha avó e costumavam ir todos os dias jantar no restaurante dela. Antes de tudo isso, eram donos de uma loja de cerâmica tradicional japonesa. Todos os bules da minha avó eram de lá.

Ok. Não foi muito nobre da minha parte. Mas a vida durante o apocalipse não é o que se possa chamar de justa. *Sobrevivência do mais apto*, foi o que disse aquele moço barbudo. Duvido que ele tenha sido um dos poucos que foi para o Céu. Não tem ninguém que preste por lá.

Subi a calçada ainda deitado. Braçadas lentas e largas. Nada de movimentos bruscos para não chamar a atenção de Sayuri para o meu plano.

Ajoelhei no portal da pequena loja abarrotada de vasilhas, me preparando para atravessar o vidro da porta. Quatro olhos arregalados viam a minha aproximação por entre as hastes da persiana. Vivos ainda, como eu suspeitava.

Eles não podiam fazer nenhum barulho. Pelo meu estado, sabiam que tinha um azul mais forte no meu encaço. Só balançaram a cabeça de olhos e bocas arregaladas. A velhinha uniu as mãos em uma súplica. Partiria o coração de uma pessoa sensível. Mas não sobraram tantas delas no mundo. Nenhuma delas nessa rua deserta. As pessoas do bairro aprenderam cedo a fugir de Sayuri.

Eu me levantei e inspirei com selvageria e corri a passos tortos, mas firmes. E pulei na porta. Toda velocidade à frente. Ombro primeiro. A careta vitoriosa pronta. Boca já salivando por uma mordida antes da fuga definitiva. Uma mão para viagem. Quem sabe um braço. Do velhinho mesmo, que estava mais perto.

A porta tremeu, tremeu, mas não quebrou. O ombro, eu já não sei. E a ilusão de uma fuga se espatifou.

Recuei três passos e corri novamente. Por puro desespero. Mais uma vez, não fui forte o suficiente. Não fiz a mínima rachadura naquele vidro. Devia ser blindado. Só pode.

Sayuri estava a duas passadas de distância, rindo de mim. Foi a vez dos meus olhos implorarem por minha vida. Apontei para a vitrine com a cabeça, mas o casal de velhinhos tinha se escondido lá dentro. Rabanetes, cenouras e batatas jogados na frente da porta para disfarçar o cheiro de carne humana. Malditos covardes.

Sayuri dá um passo na minha frente. Devagar para aumentar o meu medo. Essa desgraçada gosta de torturar a gente antes de matar. Diz que a carne fica mais gostosa.

— Sayuri, eu vou ter uma conversinha séria com a sua mãe! — me levanto com dedo em riste — Ela não vai ficar feliz de saber que você tentou roubar a minha alma de novo. Vá caçar outras pessoas e me deixe em paz.

— Mamãe está morta — ela diz irritada. — Ela e o papai gritaram comigo, aí eu matei os dois.

Eu estou te falando, eu sou uma pessoa que sempre alimenta mais esperanças do que deveria. Contudo, quando uma menininha de seis anos não sente um pingão de remorso ao matar os pais, nada sobra.

Depois daquilo, eu me sentei na calçada. Não há por que rastejar ou mesmo correr para longe. Nem razão para tentar chamar a minha avó, que conseguia acalmar Sayuri. Ou a minha prima, que talvez pudesse matá-la.

Parei de esperar por uma solução milagrosa. Ela não me deixaria ir embora. Me perseguiria até me matar. Ou até sua própria morte.

Eu, o seu novo brinquedo. O rato de um gato sem escrúpulos.

Quando as garras de Sayuri subiram, me virei de costas e ruminei sobre as suas razões pela primeira vez.

Não acredito que ela entenda a dor que está causando ou o medo que eu estou sentindo. Ela é apenas uma criança. Acabou de fazer seus seis anos. Talvez, todo esse caos do final dos tempos seja um sonho para ela. Para mim, é um pesadelo.

Eu não vou mentir para você. Naquele instante, eu adoraria arrancar a sua orelhinha azul e a mastigar de boca aberta, bem na sua frente, olhando nos seus

olhinhos pretos, um pouco antes de esganar aquela gargantazinha fina e cheia de escamas.

Só que ela não passa de mais uma das tantas vítimas dessa catástrofe. Todos nós somos. *Vivos e azuis*. Se os nossos caminhos não se cruzarem novamente, não vou guardar nenhuma querela.

Não faria um voto de vingança por ninguém. Vingança e honra não são úteis neste mundo de sangue e desespero. A única coisa que você deve cobiçar é a misericórdia do seu assassino.

A melhor coisa a se fazer é rezar por uma boa morte.

nove meses antes da sétima morte

— Senhoras e senhores, aqui é o seu capitão falando. Sejam bem-vindos a bordo do voo AC036 com serviço de Toronto à Tokyo, sem escalas.

O piloto continua falando em sua voz mecânica. Paro de ouvir em “sem escalas”. Mais treze horas preso em um avião é demais para mim. Adicione isso às oito horas anteriores no voo do Rio de Janeiro à Toronto, às duas horas que esperei no Pearson – o aeroporto canadense – e as outras três que eu fiquei esperando no Galeão, ouvindo os sermões do meu pai e o choro da minha mãe. Mais de um dia inteiro viajando para o fim do mundo – do meu mundo, pelo menos.

Deixei a minha vida para trás. O início de uma carreira de sucesso. Faculdade. Todos os meus três amigos. E uma pessoa especial. Daquelas que, com sorte, você encontra uma na vida. Fui obrigado a abandonar tudo. Trouxe só o meu computador e uma mala com as roupas que minha mãe escolheu para mim. Não houve tempo para despedidas. Não fosse mamãe, eu tinha deixado a minha blusa da sorte no cesto de roupa suja.

E ainda tive de ouvir que essa era uma oportunidade única de eu aprender a ser responsável.

— Então eu vou ser mais responsável fugindo dos meus problemas, é isso pai? — perguntei antes de sairmos de casa.

Você precisava ver como a cara dele ficou vermelha. Fechou as mãos tão forte que elas tremiam. Se esticou todo para ficar mais alto, para me intimidar. Para cobrir os vinte centímetros de altura que nos afastavam.

Seus dentes pareciam que iam ser enterrados na gengiva. Quase não dava para ver os seus olhos. E é quando só dá para ver uma listra fina do branco dos olhos que ele está para explodir. Faltava pouco para a boca espumar.

— Moleque, não me teste! — ele gritou.

— Hiroshi, não piora as coisas — intervém a minha mãe antes que ele me dê seus últimos cascudos, como uma despedida. — Tudo isso já não está sendo ruim o suficiente?

Ele anda olhando para baixo. Dá uma volta em nós dois. Irritado demais para ficar parado. Cabeça dura demais para se acalmar.

— A culpa foi minha. Toda minha! Eu deixei a tua mãe te mimar. Aí, você não criou juízo. Um tempo com a tua avó vai te fazer entender que a vida não é uma festa — foi o que me disse ao jogar no meu peito a passagem só de ida para longe da sua casa. — Use esse tempo para pensar no que vai fazer da vida. E só volte quando conseguir se sustentar.

Não, obrigado, papaizinho do meu coração. Eu vim preparado. Procuo as pílulas cor-de-rosa guardadas em um bolso escondido no fundo da minha mochila. É um remédio para enjoos fortes e para labirintite que eu comprei de um amigo que está fazendo veterinária.

Para falar a verdade, o Russo comprou na farmácia da esquina de casa. E nem precisou de prescrição médica. Eu pedi para ele porque estava trancado dentro de casa e o meu pai só toma remédios em caso de vida ou morte.

Eu o tirei da cartela, embrulhei em papel alumínio e escondi na mochila, só pela possibilidade de um funcionário achar que era droga e me impedir de entrar no voo. Duvido que o meu pai pagasse outra passagem. Ele não é do tipo que gosta de gastar.

O pior é que um funcionário brasileiro achou o papelote. Estava tenso. Pronto para me prender. Mas quando viu o “B6” gravado nos comprimidos, riu de mim e me devolveu.

— Minha mãe disse que um já está bom para várias horas.

Foi o que Russo me disse por mensagem, depois de passar a cartela por debaixo da porta. E foi assim que eu me despedi de um dos meus três únicos e grandes amigos. Com os outros dois eu não tive essa sorte.

Tomo três comprimidos para garantir que vou dormir até chegar ao Japão.

O avião decola e eu coloco os fones de ouvido. Dou *play* em um filme, mas o coloco no mudo. Só para não ficar preso na história e ter de esperar muito para que a minha consciência desligue. Robôs alienígenas gigantes contra dinossauros zumbis. Muita explosão, carnificina e falta de lógica. O material certo para escapar do meu confinamento.

Quinze minutos depois, quando o fóssil de um Tiranossauro Rex desperta em um museu – obviamente em Nova Iorque – as imagens começam a se fundir com um sonho acordado. Agora todos voam e querem abater o avião em que estou. Não sei quem vai vencer a disputa, os robôs gigantes, os dinossauros ou o meu pai. Fecho os olhos quando um dinossauro é derrubado e vai cair em cima de mim.

É quando o suor frio encontrou a náusea. Minha força desaparece imediatamente, e eu não sei se tenho energia para respirar. Minha mente apaga.

Em um momento, estou inventando frases para as personagens. No momento seguinte, o filme já acabou e estou tentando correr para o banheiro, sendo impedido pelo cinto de segurança. Me solto e tento me levantar de novo. Meus joelhos se dobram em um *eu acho que não*.

Eu me sento pela segunda vez. Talvez o meu vizinho esteja me olhando irritado. Ou preocupado. Ou talvez não tenha ninguém sentado do meu lado. Não tenho certeza, o rosto dele está embaçado.

Concentro as minhas últimas forças para me levantar e ir babando e tropeçando até o banheiro, onde apago imediatamente. Porta e olhos abertos. Vendo, mas não sentindo, a minha mãe vestida de aeromoça dar tapas no meu rosto enquanto tenta me reanimar.

E foi assim que eu quase morri um mês antes do apocalipse.

Aposto que você ainda não se deu conta das consequências de uma morte em pleno voo. Ainda mais, no meio do mar. Não é culpa sua. Talvez, você nem tenha ouvido falar do que é um avião.

Permita-me elucidar essa questão.

Muita coisa mudou depois do apocalipse. O Criador nos abandonou e levou os merecedores com ele, para o Céu – mas foram tão poucos que isso é irrelevante. Além disso, nossas tecnologias mais avançadas pararam de funcionar. Doenças e envelhecimento desapareceram. E a nossa pele ficou azul.

Por fim, quem continuou na Terra ganhou o *presente* da imortalidade. Quer dizer, ainda podemos morrer. Mas, quando isso acontece, renascemos no lugar da nossa primeira morte. Como se nada tivesse acontecido. Como se tivéssemos ganhado um cogumelo verde, se isso fosse um Super Mario Bros.

Caso tenha morrido em casa, sete horas depois, você retornaria ao conforto do seu lar. Se morreu em uma estrada, volta no meio da viagem. Se bateu as botas na mesa de cirurgia de um hospital antigo ou grande, você vai renascer com companhia.

Parece incrível. O sonho da vida eterna enfim conquistado. Bom demais para ser verdade, não?

Já imaginou o que aconteceria se você morresse dentro de uma aeronave voando?

Quando o Armagedom começasse, você renasceria a milhares de metros do chão. Ainda sem entender o que está acontecendo, você despencaria para a sua nova morte. Sete horas depois, renasceria e mais uma queda. Mais sete horas e você despenca para a morte outra vez. Em um dia, você morreria pelo menos três vezes. Pontualmente.

Se tivesse morrido neste avião, eu ainda estaria preso nesse ciclo infernal. Seria o verdadeiro castigo eterno. Até existem coisas piores, mas são poucas. Bem poucas.

Graças ao Criador que eu só tive uma alergia severa. Depois que vomitei diversas vezes e que algum estranho me fez massagem cardíaca e respiração boca a boca, estava novo em folha. E ainda fiquei cansado o suficiente para dormir o voo inteiro, mesmo tendo desperdiçado o remédio.

— Minha Nossa Senhora! — diz o eco da voz da minha prima no saguão, quieto demais, do aeroporto de Tokyo. — Pensei que você nunca ia sair desse avião.

Ela está segurando uma folha de papel com o meu nome. Como se eu fosse esquecer da sua cara de fuinha. Mas acabou perdendo o ânimo de levá-la quando eu finalmente apareci.

— Te fiz esperar muito, Ayka?

— Só três horas — diz acenando para a cadeira de rodas em que estou sentado. — Mas não é como se fosse culpa sua, não é?

Eu tento me levantar, mas o funcionário da companhia aérea empurra o meu ombro e eu caio de volta na cadeira. Ele recita dois *sumimasens* (desculpas) e meia dúzia de *arigato* (obrigado), o resto eu não entendo. Mesmo filho de japonês, o meu entendimento do idioma não vai além das poucas palavras que aprendi com Naruto.

O cara até sorri, mas é uma careta esticada que falha miseravelmente em esconder a irritação. Estou começando a acreditar que sua generosidade inicial está um pouco abalada pelo incidente do vômito na sua camisa.

E pensar que a gente teve um momento tão bonito quando ele foi designado para tomar conta de mim no avião. Quando três das aeromoças estimaram que eu

não havia mais nada para abandonar do meu corpo e me deixaram com ele para trocar seus uniformes.

Acabou que golfei no uniforme dele também. Só um pouquinho no seu ombro. Ele ficou chateado. Só tinha aquela roupa limpa e passada.

Como eu não estava mais correndo risco, tivemos que esperar todos saírem do avião para os socorristas me buscarem. E ele ficou mais duas horinhas me esperando na enfermaria do aeroporto. De tempos em tempos, entrava. Sempre olhando para o seu pulso. Preocupado com o meu horário, imagino.

Besteira dele. Se eu piorasse um pouquinho mais, acabaríamos pousando em algum lugar no meio do caminho. Ou voltaríamos para o Canadá. Aí, sim, ele estaria atrasado.

Ayka pega a mala do meu colo e anda do nosso lado, enquanto sou empurrado até o elevador. Ela está tão feliz quanto o bom rapaz.

— Tem como você falar para ele que eu estou bem? — peço, para evitar que eles unam seus descontentamentos e façam alguma coisa drástica comigo.

— Tem certeza? Eu não consigo te carregar não, hein! Você deve pesar umas duas toneladas.

— Nem vem com essa. Meu peso é normal para o meu tamanho. Você que é pequenininha do tamanho de um... — paro, arrependido. Era assim que eu a deixava transtornada quando éramos adolescentes. — Pode dizer para ele que eu estou bem.

Quando saímos do elevador, ela fala alguma coisa para ele. Ele a ignora e continua me empurrando. Ayka corre e se coloca à nossa frente. Fala um japonês violento com ele. Cheio de *arigatos* raivosos. E de sorrisos.

Ele abaixa a cabeça em silêncio para ela. E se vira para mim. Diz algo como *sumimasen* e dobra o seu tronco quase noventa graus. Quando se levanta, a raiva passou. Eu levanto com cuidado e ele puxa a cadeira para longe antes que eu possa conferir se as minhas pernas conseguem me suportar.

Foram as desculpas forçadas mais sinceras que eu recebi na vida. Mas eu acredito que somos inimigos mortais a partir de agora. Se isso acontecesse no Japão feudal, eu já teria sido decapitado.

— Olha, não é fácil irritar alguém no Japão — diz a minha prima balançando a cabeça. — Você está de parabéns, hein?

Dou o meu primeiro passo. Fico tonto, então, paro. Sorrio para ela para que não perceba.

— Aykazinha, você não vai acreditar. Parece que um passageiro do meu voo passou tão mal que a tripulação teve que ficar esperando ele ser examinado para sair. Ele teve até que fazer um teste toxicológico. E me disseram que a gente quase que teve que fazer um pouso de emergência. Só não fizemos porque estávamos no meio do oceano quando ele estava pior.

— É mesmo? E quem seria esse vacilão? — ela franze o cenho, e eu sorrio.

À nossa volta, todos me olham. Uns com pena, uns irritados e outros que dariam o braço direito para me matar devagar.

Eu sou a celebridade do voo, do aeroporto. Pelo visto, a fama realmente traz muita inveja. E nem dá para me esconder, já que sou o único negro no aeroporto. E sou bem mais alto do que qualquer outra pessoa por quem passei. Fora a cara de defunto assustado.

— Não faço ideia. Mas acho que ele está mais para um pobre coitado.

— Esquece — diz pegando a minha mala e minha mochila. — Deve ter sido um péssimo voo mesmo.

O alívio do peso me permite dar passos lentos. Ela finge que não repara, mas diminui a velocidade para ficar do meu lado.

— Para mim, foi normal. Tomei remédio para dormir e só acordei bem depois que o avião pousou.

— Eu estou vendo. Você nem está parecendo um zumbi...

— Ei! É assim que você fala de mim depois de três anos sem me ver?

— Ah, cala a boca e acelera que o próximo trem sai em dez minutos — ela dispara, estanca, vira e volta. — Você tem dinheiro para a passagem?

— Minha mãe me deu uns dólares e 20 mil ienes. Dá?

Parece muito. Mas eu suspeito que não seja, já que foi o meu pai quem comprou.

— Ótimo, então você paga o meu tíquete também.

conhecendo o presídio da vovó

— Por que você está irritada? — digo, depois de uma hora em silêncio encarando casas e mato passando pela janela.

Eu pensei que, assim que saíssemos do aeroporto, entraríamos em uma floresta de arranha-céus e letreiros luminosos. Nada disso. Comemorei quando um prédio de quatro andares apareceu.

Só depois que trocamos de trem que as construções ficaram mais frequentes. Que os prédios foram crescendo. Que a cidade, enfim, começou.

Quando falo, alguns me olham de cara amarrada. Eu mesmo me sinto estranho. Estou constringendo a quietude de todos. Não há sons humanos. Só metal rangendo em metal. E um eventual virar de páginas – e até isso incomoda.

— É por que eu não quis pagar o trem expresso? Eu sei que ele chega na metade do tempo, mas custa o dobro. Não ia sobrar quase nada do dinheiro que eu trouxe. Sabe como é o meu pai. Ele não me deu quase nada. E ainda limpou a minha conta para pagar uma parte da passag...

— Nem tudo tem a ver com o seu umbigo não, garoto.

— Desculpa, eu não quis...

— Ah, esquece — ela diz. — É que hoje é o meu único dia de folga da semana. E eu perdi vindo te buscar. Eu tinha um compromisso, mas vovó sabia que você ia se perder. Então, eu desmarquei para que ela não precisasse vir.

— Não precisava. Eu consigo me virar sozinho.

— Kaito, você quase entrou no trem errado. Duas vezes. E eu estava do seu lado! — ela levanta a voz, e as pessoas a repreendem com o olhar. Ela se aproxima e sussurra — Fora que você não sabe japonês nem inglês, é horrível de localização e, mesmo que fosse bom, não tem nem o endereço da casa da vovó.

— Eu me viro no inglês. E ninguém me deu o endereço...

— Viu?

— Ei! Não é como se tivesse tido tempo para me preparar. Meu pai tirou o meu visto em segredo e comprou a passagem no mesmo dia em que ele saiu. Eu acordei sendo expulso de casa. No fim da tarde, eu já estava no aeroporto. Eu nem sei o que tem na minha mala.

— Eita. Pelo menos eu tive dois dias para me despedir.

— Eu não.

Tudo o que pude fazer foi trocar algumas mensagens com os meus amigos, receber o remédio quase-assassino do Russo e ligar para Clara. Meu pai não queria me deixar falar com ela, a culpando pelas besteiras que eu fiz. Mas a mamãe colocou o seu telefone na minha mão. E me mandou ligar.

Clara não entendeu por que eu tinha que ir. Sendo maior de idade, a decisão era minha. Teoricamente. Ela disse que ia lá em casa confrontar o meu pai por mim. Se foi, não chegou a tempo. Eu não consegui vê-la.

— Vamos mudar de assunto — peço. — Me diz uma coisa, por que você só tem um dia de folga? Isso não é o padrão daqui, não, né?

— Um dia? Não, Kai, eu só tenho meio dia de folga. Eu já trabalhei hoje cedo. Entre as aulas da faculdade, as horas sem fim de estudo e o turno no restaurante da vovó, não sobra quase nada livre. Mas vai melhorar para mim assim que você começar a trabalhar.

Quer dizer que aquela velha sovina ainda continua explorando os seus empregados. Pior, eu vou ser um deles. Essa deve ser a maneira que minha avó vai me fazer *entender que a vida não é uma festa*.

— Fico feliz por você.

Meia hora e dois metrô depois, chegamos em uma casa de dois andares em uma ruela em que uma caminhonete, dessas de cabine dupla, não passaria. A rua tem pouca iluminação, e a casa não tem portões. Se fosse no Rio, esse seria o *point* do assalto certo.

A fachada é pintada de preto, e o resto das paredes externas é revestido de tijolos cinza escuro. Tijolos falsos. São painéis feitos de plástico. Não há janelas no andar de cima, e o teto é baixo. Tudo é muito reto, seco. Aqui, como lá em casa, é o custo-benefício quem impera.

Na frente, não há portas. Não há necessidade para elas. O restaurante nunca fecha. Para separar o ambiente interno do lado de fora, há uma cortina com dois pedaços espessos de pano branco que chegam à minha cintura. Há algo escrito em tinta vermelha. Diversos *kanjis* em cada banda.

Esse é o temível restaurante 24 horas da minha avó – minha prisão pelos próximos meses. Sentença: trabalhos forçados. Possibilidade de açoite: existente.

Um cara de terno entra, e, no movimento dos panos, vejo que o restaurante está cheio. Segundo os meus cálculos, passam das oito da noite. De um sábado. Ainda assim, quase todos estão em seus ternos pretos. Mesmo as mulheres. Não dá para acreditar que eles estavam trabalhando até uma hora dessas em um sábado. Esse país me enche de medo.

— Vem — Ayka me puxa pelo braço.

Seguimos para os fundos. Do lado de uma lixeira gigante, na frente de duas máquinas de refrigerantes e chás de marcas concorrentes, ela abre uma minúscula porta de metal. Até ela quase precisa abaixar a cabeça.

Entramos na cozinha e os dois cozinheiros nos cumprimentam de uma forma entusiasmada, exagerada. Eles se dobram em uma saudação e, meio segundo depois, não estão mais interessados em nós.

Subimos uma escada em caracol à esquerda da cozinha. Eu empurrando a mala, e a Ayka puxando. A cada passo meu, a estrutura balança perigosamente.

Ao chegar no topo, tiramos os nossos sapatos e passamos por três quartos. O primeiro, de porta trancada, é o da minha avó. O segundo não tem porta, só uma cortina preta fina. O terceiro nem pano tem.

— Esse é o seu — ela diz.

— Nem precisava falar. Por acaso vó Hina estava devendo à Yakuza e precisou vender o pano do meu quarto para pagar a dívida?

— Vovó tirou e guardou para você não ter privacidade. Ela não vai deixar que você faça besteira nenhuma enquanto estiver aqui.

— Ela é um amor...

— De fato. Só quem ama muito — diz a minha avó atrás de mim — perderia tempo da própria vida para cuidar de um neto tão mimado e malcriado.

Me viro para ver a minha avó, que – eu tinha me esquecido – consegue andar tão silenciosa quanto um ninja. Faz cinco anos que não a vejo e ela não parece ter envelhecido um dia. É como se ela tivesse sido congelada em sua carranca de desaprovação.

— Bom, depois dessa, eu vou para o meu quarto — diz Ayka. Ela entra e fecha a cortina sorrindo.

— Vó Hina! — abro os braços. — Quanto tempo! A senhora está ótima!

Ela permanece imóvel. Julgando se eu sou digno do seu abraço.

— Se você não vier, eu vou até você! — ameaço. — Aí, vai ser pior. Eu só vou te soltar amanhã.

Ela sorri. E vem. E me abraça.

— Seu cretino! Você nunca veio me visitar. Quando finalmente vem, eu tenho que ser a disciplinadora. A única função de uma avó é estragar o neto.

— Verdade, vó. E eu estou pronto para ser estragado pela senhora. Não tem necessidade de te dar trabalho. O meu pai exagerou. Foi tudo um mal-entendido.

— Então você não foi expulso da faculdade? Além de ser demitido? Tudo isso na mesma semana?

— Tecnicamente, isso realmente aconteceu. Mas não foi tão ruim assim...

— Você não foi pego invadindo o servidor da universidade com o computador do trabalho?

— Falando assim, parece que eu sou um criminoso, vó. Eu só queria provar que o site era vulnerável. Nada além disso — encho o pulmão e bato a mão duas vezes no peito. — Meu objetivo foi mostrar como eles poderiam melhorar. Aprendizado mesmo, sabe?

— Muito nobre o meu netinho. Que orgulho. Bom, se foi só isso, então está tudo certo — os cantos da sua boca se levantam, mas eu não chamaria isso de sorriso. — A questão é que me disseram que você alterou as suas notas.

— Esse pessoal fala demais e pensa de menos — digo. E ela entorta a cabeça e percebo que fiz errado. Ela não aceita que ninguém fale mal dos seus filhos. — Vó, eu mudei o meu boletim, mas eu não melhorei nota nenhuma. Eles dão as notas de 0 a 10 e eu troquei por letras!

— Não foi o que me disseram...

— Disseram outra coisa porque eles não pararam de gritar um minuto para conseguir me ouvir — a voz se levanta, mas eu seguro a minha irritação. Minha avó não tem nada a ver com isso. — Vó, eu não fiz nada que me beneficiasse. Muito pelo contrário. Dupliquei as matérias e todas as minhas notas ficaram inválidas. Eu ia repetir o semestre duas vezes seguidas.

— Então por que você fez uma sandice dessas?

— Foi uma declaração de amor — me sento na mala, derrotado. — Só isso. Eu escrevi “Te amo Clara” no meu boletim. Eles me expulsaram sem nem perceber isso.

Espero os gritos do meu pai saindo dela. Eles não vêm. Ela agacha na minha frente e se senta nos calcanhares. Eu me sento no chão, apoiado na parede.

— E o que essa tal de Clara achou disso?

— Eu não tive tempo de mostrar para ela...

— Tempo ou coragem?

— Nem um. Nem outro.

— Bom, você não é desonesto nem burro, o que me enche de alívio — ela se levanta. — Mas é muito tapado, coitado.

Ela se vira e entra no seu quarto. É o seu sinal de que terminamos a conversa. Eu arrasto a mala até o meu.

De fora, é um cômodo pequeno. Mas, assim que você entra, entende como ele é muito menor. Lá dentro, só tem um *futon* – aquele colchão baixo que é muito comum no Japão – e uma pequena cômoda. Nada mais. Sem janelas. Sem escrivaninha. Sem armário. Sem televisão. Fora o caminho para andar, não há espaço sobrando. A mala precisa ficar encostada na cama.

Me deito no colchão. Os pés ficariam para fora da cama se ela não fosse encostada na parede. Só posso me esticar no quarto ao me deitar na diagonal.

— Esse seu tamanho não é normal por aqui, Kaito — diz a minha avó sob o portal vazio. — Se você não cabe, a culpa é da sua mãe, que é gigante.

— Vó, o que você acha de a gente combinar de você não falar mal da minha mãe e eu não falar mal do meu pai?

— *Touché*. Melhor mesmo. Porque eu vou partir essa sua cara risonha se você falar mal do meu filho na minha frente.

— E eu te vou abraçar e só vou te soltar quando você elogiar a minha mãe.

— Não sei o que seria pior.

— Ei!

— Por falar em tamanho, você deu uma bela engordada desde a última vez que eu te vi.

— Vó! Isso é coisa que se fala?

— É sim e, a partir de amanhã, você está de regime. — Ela joga uma muda de roupa preta para mim. — Toma. Dorme logo que o seu turno é amanhã de noite.

— Turno de quê?

— No restaurante, obviamente. Você precisa trabalhar para pagar a sua estadia.

Esse é aquele momento em que você tenta antecipar para se preparar, mas nunca consegue. Como eu vou trabalhar em um restaurante sem saber falar japonês?

— E eu não vou ter nem um dia de folga, não é?

— Não.

— E o fuso horário?

— Você vai descansar o suficiente se dormir agora. Então, nem pensar em ligar o computador ou ficar no celular.

— O pessoal fez um relatório completo, hein?

— Lógico. Na dúvida, vou desligar o disjuntor aqui de cima. Boa noite.

Não sei se ela está falando sério ou se é o seu jeito de zoar com a minha cara, mas, ao sair do quarto, ela desliga a luz.

Pego o celular do bolso. Três por cento de bateria e eu não tenho o adaptador da tomada – que deve já ter sido desligada. Uso a lanterna para abrir a mala e pegar um pijama. Me troco rápido, debaixo do lençol, com medo de alguém entrar no meu quarto.

Com o resto de bateria, quero mandar uma mensagem para a minha mãe e para Clara. Dizer que eu cheguei bem para elas não se preocuparem. E porque eu estou com saudade das duas.

Queria ter mandado a foto do meu boletim alterado para Clara. Eu acho que ela ia gostar. Talvez, ela sentisse o mesmo que eu. Talvez, eu pudesse morar uns tempos na sua república sem ninguém perceber.

Eu mostrei para a mamãe. Ela achou romântico. Disse que Clara também ia achar. Mas disse que seria crueldade se eu mostrasse a ela antes de ir, já que eu ia passar pelo menos um ano fora.

Eu enviaria a foto assim mesmo. Se eu tivesse coragem. Um relacionamento à distância com ela é melhor que nenhum. Fora que é o *talvez* que me tira o sono.

Digito um “cheguei bem, mãe”, mas a mensagem não é enviada. O celular não tem sinal, e eu não tenho a senha do wi-fi.

Me levanto e vou no quarto de Ayka. Se bobear, ela tem uma base de carregador sobressalente para me emprestar. Abro o pano-porta e entro.

— Priminha querida, qual é a senha da internet?

Dentro do quarto, ela está nua. Olhos arregalados e braços tapando as suas partes. Cara de quem vai me matar. Devagar.

— O que você está fazendo aqui?

— Foi mal, foi mal — me viro no susto, trombando a testa na parede e despencando de lado no seu futon. Com a cabeça em cima da sua coxa.

— Sai daqui Kaito — diz se levantando e correndo para o banheiro sem ter braço suficiente para tapar a parte de trás.

O QUE VOCÊ ACHOU?

Se você gostar dessa degustação e quer ir além, você pode **comprar o livro completo na Amazon**

Além disso, Kaito está disponível no **Kindle Unlimited** - então dá para ler de graça!



[clique aqui para continuar lendo](#)